

TALES FARIA

Jornalista e comentarista de política

Blogueiro impediu pazes entre Michelle e Flávio Bolsonaro

Defensores da ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro (PL) contam que ela recebeu as críticas do blogueiro bolsonarista Paulo Figueiredo como sendo a palavra do senador e pré-candidato a presidente da República, Flávio Bolsonaro (PL-RJ), filho de seu marido, o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL).

Os vídeos de Paulo Figueiredo são apontados por aliados de Michelle como um dos principais motivos para ela não querer se reaproximar do enteado.

Michelle comunicou ao presidente do seu partido, Valdemar Costa Neto, que pretende deixar o comando do PL Mulher. Disse a interlocutores que não acredita “em uma só palavra” do pedido de desculpas que Flávio postou nas redes sociais depois que ela divulgou um vídeo acusando-o de tê-la humilhado e dado “uma facada nas costas”.

Costa Neto não espera que Michelle volte a se entender bem com o Flávio. Mas pediu que, pelo menos publicamente, evitem ataques um ao outro e mantenham um relacionamento aparentemente cordial de apoio político. Ele se encontrou com Michelle nesta terça-feira, 30. Não sabe exatamente como a ex-primeira-dama se comportará daqui para a frente. Michelle disse-lhe que não quer “prejudicar a campanha de ninguém”, mas que se sente “muito agredida”.

FERNANDO MOLICA

Jornalista e escritor

O nosso parlamentarismo de extorsão

Medidas tomadas nos últimos anos no Senado e da Câmara permitem afirmar que, depois do presidencialismo de coalizão, expressão criada pelo cientista político Sérgio Abranches, o Brasil vive um parlamentarismo de extorsão.

Para conseguir governar, o presidente da República é obrigado a fazer infinitas concessões a um Legislativo que, como um dragão de lendas medievais, não se cansa de exigir mais e mais sacrifícios para não incendiar a cidade.

Coalização pressupõe a existência de uma pauta mínima, baseada em interesses mais amplos (ainda que alguns sejam pouco republicanos). A lógica da extorsão impede conversas, não dá para negociar com quem coloca a pistola na mesa antes de dar bom dia.

Ainda na ditadura, o cronista Carlos Eduardo Novaes escreveu que a Praça dos Três Poderes deveria ser rebatizada de Praça do Um a Dois, tamanha a prevalência do Executivo. Ainda que o Supremo Tribunal Federal tenha, de uns tempos pra cá, tomado medidas que enquadraram os dois outros poderes, é inegável que, hoje, quem manda é o Congresso.

O excesso de poder do Legislativo deu um salto na gestão de Eduardo Cunha na Presidência da Câmara, ele mostrou como era sim-

plém de afirmar em vídeo que mulheres “votam muito mal”, Paulo Figueiredo também atacou Michelle pelo vídeo em que ela reclamou das humilhações que teria sofrido do enteado. Apontou Michelle como quem prejudica o pré-candidato num momento em que Flávio tenta atrair o eleitorado feminino: “Onde o Flávio vai pior [nas pesquisas] é justamente no eleitorado feminino”, disse, acrescentando: “Parabéns! Bela ajuda.”

Paulo Figueiredo tem dedicado farto espaço em seu blog a atacar a ex-primeira-dama, ora por achar que ela não manifestou apoio suficiente a Flávio, ora por atitudes que chama de “feministas” e “marxistas”, ora para denunciar que ela, na verdade, queria ser a pré-candidata a presidente da República ou a vice-presidente.

Assim como Paulo Figueiredo é visto como uma espécie de guru e porta-voz de Flávio e dos irmãos nos Estados Unidos, a senadora Damares Alves (Republicanos-DF) é vista como uma voz de Michelle entre os parlamentares.

No domingo, 28, Damares afirmou que ainda não decidiu se participará do encontro de mulheres conservadoras anunciado pelo pré-candidato. O esperado era que Michelle, como presidente do PL Mulher, não fosse apenas uma convidada, mas chamada a organizar o evento.

Figueiredo, por sua vez, sugeriu que Damares aceitaria o convite caso tivesse partido de lideranças de esquerda. A senadora reagiu: “Olá, [...] sou aquela mulher que não fica atrás de um computador mas encara as lutas e demandas em pé, olhando nos olhos dos adversários.” E convidou o blogueiro a visitá-la em seu gabinete, “mas só venha se tiver coragem pois aqui as batalhas são reais. Estou lhe esperando.”

ples destituir um — no caso, uma — presidente. O impeachment de Dilma Rousseff deixou pra trás o tempo em que o Executivo domesticava o Congresso com o fornecimento racionalizado de cargos e emendas parlamentares escolhidas pelo Planalto. Desde então, deputados e senadores garantiram mais poderes e trataram de controlar mais verbas.

Diferentemente do parlamentarismo clássico, o de extorsão não gera qualquer responsabilidade para os integrantes do Legislativo. Em países como o Reino Unido ou Itália, o partido ou coalização majoritária é o governo, indica e elege o primeiro-ministro, define políticas públicas, recebe aplausos pelos acertos e vaias por suas falhas. Aqui, parlamentares gozam de irresponsabilidade constitucional, podem distribuir benesses como bem entenderem, o governo que se vire para honrá-las.

Eleitos por um sistema que só na teoria dá protagonismo aos partidos políticos, deputados e senadores têm o direito de demonstrarem fidelidade apenas aos próprios mandatos. Nesse jogo político, a informal Lei de Murici — cada um que cuide de si — tem mais poderes que a Constituição.

O mecanismo total flex estimula a compra de votos no Congresso e asfalta o caminho para a extorsão. Permite — em tese, claro — que o presidente de uma casa legislativa infernize a vida do Executivo, trave a votação de pautas relevantes e jogue bombas virtuais no orçamento para se vingar de um presidente que não segurou a Polícia Federal.

*
O colunista estará de férias por 30 dias.

EDITORIAL

Terremoto mostra os males da Venezuela na saúde

Os terremotos que atingiram a Venezuela deixaram um rastro de destruição que vai muito além de edifícios rachados e ruas interditadas. Entre os danos mais preocupantes está o impacto sobre o sistema de saúde, já fragilizado por anos de dificuldades estruturais. Com nove hospitais danificados e a redução dos postos e locais de atendimento à população, a tragédia natural transforma-se rapidamente em uma crise humanitária de grandes proporções.

Em situações de desastre, a capacidade de resposta dos serviços de saúde representa a diferença entre salvar vidas e ampliar o número de vítimas. Quando hospitais deixam de funcionar plenamente, cirurgias são adiadas, pacientes crônicos ficam sem acompanhamento, gestantes encontram obstáculos para receber assistência e pessoas feridas enfrentam longas distâncias em busca de atendimento. A interrupção desses serviços multiplica os efeitos da catástrofe muito além do momento em que os tremores cessam.

O caso venezuelano evidencia um problema recorrente em países expostos a eventos extremos: a falta de infraestrutura resiliente. Hospitais não podem ser tratados como construções comuns. Devem ser projetados, mantidos e preparados para permanecer operacionais justamente quando a população mais necessita deles. A perda de unidades de atendimento compromete não apenas a resposta imediata aos desastres, mas também a capacidade de controlar surtos de doenças, garantir vacinação, fornecer medicamentos e atender emergências cotidianas.

A diminuição dos postos de saúde agrava ainda mais a desigualdade no acesso aos serviços. Comunidades mais afastadas ou vulneráveis tornam-se praticamente isoladas, obrigando famílias a enfrentar deslocamentos maiores, custos adicionais e demora no atendimento. Em um cenário de crise, esses fatores podem ser determinantes para o agravamento de quadros clínicos que seriam plenamente tratáveis em condições normais.

Diante desse cenário, a resposta das autoridades nacionais precisa ser rápida, transparente e coordenada com organismos internacionais e entidades humanitárias. A reconstrução das unidades deve ser acompanhada da instalação de hospitais de campanha e do fortalecimento da atenção básica.

OPINIÃO DO LEITOR

Nova arte do Correio da Manhã

O novo visual do **Correio da Manhã** ficou excelente. Os editores de arte deram um verdadeiro show! A nova tipologia melhorou muito a legibilidade, e o jornal ficou mais leve. Apesar de ainda utilizar tarjas coloridas, a equipe soube criar um contraponto harmonioso, integrando com equilíbrio todos os elementos gráficos e os textos.

Júlia Menezes, Rio de Janeiro - Rio de Janeiro

Contribuições por e-mail: endereco@correiodamanha.net.br

Correio da Manhã

FUNDADO EM 15 DE JUNHO DE 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) | Paulo Bittencourt (1929-1963) | Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

www.correiodamanha.com.br

Publisher
CLÁUDIO MAGNAVITA
redacao@correiodamanha.com.br

REDAÇÃO

Afonso Nunes (editor #cm 2) Gabriela Gallo, Ive Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)
Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

EDITORIA DE ARTE

Coordenação: José Adilson Nunes (projeto gráfico); Diagramação: Anderson Sá, Ricardo Gomes (projeto gráfico) e Thiago Ladeira - Marcos Lima (Gestor de TI)

TELEFONES

(21) 2042 2955 **Whatsapp:** (21) 97948-0452 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

RIO DE JANEIRO
Av. João Cabral de Mello Neto
850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP
22775-057

BRASÍLIA
ST SIBSQuadra 2 conjunto B
Lt 10 - Nucleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-20

SÃO PAULO
Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317,
Água Branca - São Paulo-SP, - CEP 05001-200
Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51,
Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal